



A METÁFORA DA FEBRE EM “MACÁRIO” E “ESTEVÃO”, DE “O AJUDANTE DE CAMINHÃO”, DE FRANCISCO VASCONCELOS.

Alexandre da Silva Santos¹

RESUMO:

Este estudo visa realizar uma crítica literária de conteúdo do escritor Francisco Vasconcelos, através dos personagens Macário e Estevão, presente no conto “O ajudante de caminhão”, do livro *O Palhaço e a Rosa* (1963). Os argumentos partem do pensamento decolonial, a partir das observações quanto a colonialidade do poder e convergem nos estudos sobre metáfora conceptual, tomando como pressuposto os apontamentos de Aníbal Quijano (2005), Walter Mignolo (2020), Massaud Moisés (2012) e Lakoff e Johnson (2002). Apresenta como método de interpretação os estudos sobre metáfora.

PALAVRA-CHAVE:

Literatura;
Francisco Vasconcelos;
Macário;
Clube da Madrugada;
Colonialidade.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amazonas. Doutorando em História pela mesma universidade. E-mail: alexandresantosp@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1472-853X

1 Introdução

Francisco Marques de Vasconcelos Filhos, também conhecido como Francisco Vasconcelos, é um escritor amazonense que integrou o movimento cultural e literário Clube da Madrugada, no período de 1954 a 1985, no Amazonas. Publicou em 1963 o livro de contos chamado *O Palhaço e a Rosa*, e em 1985, a novela *Regime das águas*.

Este estudo irá realizar uma crítica literária de conteúdo de uma das narrativas de *O Palhaço e a Rosa* (2010), a história “O ajudante de caminhão”. Quanto ao livro, possui oito narrativas, a saber: “O menino e o mundo”, “O menino e a lei”, “Soldadinho de chumbo”, “O pesadelo”, “A fuga”, “O palhaço e a rosa”, “Das Dores”, “O Pierrô”. A segunda, seis. Elas são: “O boleiro”, “O ajudante de caminhão”, “O concurso”, “O intruso”, “O terno azul”, “Aula prática”.

Para fundamentar os argumentos a serem apresentados nas observações a serem feitas, tomaremos alguns apontamentos de Massaud Moisés, em *A criação literária: poesia e prosa* (2012); Jorge Tufic, em *Roteiro da Literatura Amazonense* (1983), e Walter Mignolo, em *Histórias Locais/ Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* (2020); Aníbal Quijano, em *Colonialidade do Poder e Classificação Social* (2009).

Nossa crítica de conteúdo tem o objetivo de trazer reflexões acerca da presença da colonialidade do poder nestes personagens, como Macário e Estevão. O primeiro é um preto, motorista de uma grande fábrica de cerveja. O segundo, trabalha com aquele e sonha em ser chofer de caminhão em Manaus no início da segunda metade do século XX. Ele é o ajudante de caminhão.

Diante dessa observação, dialogaremos com o pensamento decolonial neste exercício literário, a partir de Aníbal Quijano e sua premissa a respeito da colonialidade, para interpretar as metáforas que revelam a dimensão ontológica e conceptual desses personagens, em especial, Estevão. A fim de que isso se cumpra, adotamos como método de investigação os estudos sobre metáfora, sobretudo nos apontamentos de Lakoff e Johnson sobre a Teoria da Metáfora Conceptual, publicado em *Metáforas da Vida Cotidiana*, em 1980.

Em seguida, o percurso interpretativo realizado ajudará na compreensão da condição de vida dos personagens Macário e Estevão, presentes no texto “O ajudante de caminhão”, metaforizado pela nossa perspectiva em “metáfora da febre”, por entendermos os delírios que Estevão sentiu serem resultados de uma doença oriunda das péssimas condições de trabalho. Essa posição em que ele está alocado revela a sua condição em uma sociedade que subalterniza e inferioriza quem não segue um padrão eurocêntrico de racionalidade.

Nossa interpretação justifica-se em contribuir com a fortuna crítica de um dos escritores do Clube da Madrugada, Francisco Vasconcelos, como também trazer para a discussão acadêmica e literária o protagonismo de uma literatura que ainda é vista por algumas regiões sulistas do Brasil como periférica, visão exótica e depreciativa que ajuda na manutenção de estereótipos quanto ao Norte do país. Em suma, reflexo de uma racionalidade eurocêntrica que subalterniza e segrega, tanto no plano cultural quanto no social.

2 LITERATURA, COLONIALIDADE E O CLUBE DA MADRUGADA

Quando Walter Mignolo discorre sobre a colonialidade do poder e sua influência no uso da língua, em “Uma outra língua – mapas da linguística, geografias literárias, paisagens culturais”, capítulo de *Histórias Locais/ Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamentos liminar*, de 2020. Isto é, ele explica que está em ação na língua, na literatura, na contribuição para um domínio da cultura de um povo em relação a outro. Compreendemos que as imposições culturais e de uma racionalidade que visa explicar a realidade circundante invisibiliza tudo o que não é tomado como referência de valor.

Percebemos que na “cumplicidade entre língua, literatura e cultura e nação relacionava-se também com a ordem geopolítica e as fronteiras geográficas” (MIGNOLO, 2020, p. 291), ou seja, uma estrutura de dominação/ exploração. Quer o decolonialista dizer que expansão do capitalismo possibilitou a expansão de uma epistemologia ocidental e inscreveu a conceptualização do conhecimento a um espaço geopolítico (Europa ocidental), sequer refletindo as que era oriundas de outras histórias locais, como China, Índia, África e América Latina.

Diante desse cenário, Mignolo (2020) afirma que a modernidade também está associada à literatura, filosofia, história e ao sistema mundial, às ciências sociais. Esclarece o autor que elas possuem em seu imaginário o *lócus* da produção de conhecimento na civilização ocidental, sobretudo a Grécia Antiga até a Europa do século XVII como base. Nas palavras de Mignolo (2020, p. 191): “A análise do sistema-mundo moderno introduz o colonialismo na conjuntura, embora como derivativo mais do que como uma componente constitutiva da modernidade, uma vez que ainda não dá visibilidade à colonialidade, o outro lado (mais sombrio?)” da modernidade.

Ao interpretarmos essas observações, quando pensamos em um movimento cultural realizado no início da segunda metade do século XX, no Amazonas, considerado por muitos – ao que se refere ao *lócus* do qual Mignolo se concentra –

como periférico, estamos visualizando a presença da colonialidade enquanto a violência de um ordenamento de mundo que inferioriza e subalterniza o outro nessa racionalidade aplicada.

O Clube da Madrugada foi um grupo formado por escritores, jornalistas e intelectuais da cidade de Manaus que se reuniam para discutir literatura, sociologia, história, política e questões contemporâneas a sua temporalidade (1950-1985), em um momento histórico em que a capital do Amazonas não tinha uma vida cultural agitada ou mesmo um lugar de debates e produção de conhecimento, algo que iria mudar a partir de 31 março de 1964, dez anos após a criação do Clube, 1954, em virtude do início da Ditadura Militar no Brasil e resultou em perseguição aos intelectuais e grupos que não estivessem alinhados ao novo sistema político.

Antes de avançarmos, convém enfatizarmos que não iremos adentrar nesse aspecto da querela, algo que ficará para outro exercício acadêmico; mas, é válido trazeremos as influências das tensões que se intensificaram no anterior a 64 por compreendermos algumas mobilidades culturais de escritores do Clube da Madrugada, cujo reflexos são observáveis em personagens e tramas criados, caso de Estevão e Macário.

É de ampla afirmação de estudiosos a respeito dessa época, como historiadores, sociólogos e críticos literários do Amazonas que o período de 1950 a 1960 foi marcado por marasmo intelectual e da vida cultural na cidade. A exemplo, conforme relatou o escritor e crítico literário Tenório Telles, em *Clube da Madrugada: presença modernista no Amazonas*, de 2014: “Com o advento do movimento modernista, os escritores amazonenses empreenderam grande esforço para romper com os padrões estéticos do passado e superar a mentalidade extrativista e acadêmica” (TELLES, 2014, p. 25), corroboram as compreensões obtidas desse período.

Nesse sentido, entender o que significou o Clube, segundo outro estudo de Tenório Telles, agora com Antônio Paulo Graça, em *Estudos de Literatura do Amazonas*, de 2021, nos faz interpretar que o movimento literário estava para além da expressão literária em uma sociedade sem universidade, sem gosto pelo debate e com dinâmicas do cotidiano cultural e social no marasmo decorrente do fim do período econômico da borracha (1877-1930).

Nesse contexto, nas palavras de Telles e Graça (2021), os escritores que fizeram parte daquele movimento cultural e literário manifestaram-se em favor de “uma literatura condizente com os princípios de liberdade imanente ao artista, na sua expressão literária” (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 263) que viu, no desejo de renovação, esforços para a construção de uma interpretação de compreensão da realidade

histórica em que estava a sociedade amazonense. Como os críticos literários afirmam, aqueles escritores se posicionaram como transgressores a uma lógica dominante em relação às práticas culturais e desse modo negaram os padrões até então estabelecidos (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 267).

Diante desse cenário, observamos que houve três momentos do Clube, ei-los: a) a trajetória do grupo, com a fundação em 1954; b) o lançamento dos livros inaugurais (anos 1960); e c) a afirmação dos primeiros escritores (anos 1970). O grupo teve influência em uma sociedade que se posicionou como mais moderna, mais informada, mais consciente de seu papel histórico, com um senso estético e artístico mais elevado. Os escritores que dele fizeram parte foram: Farias de Carvalho, Saul Benchimol, Luiz Bacellar, Jose Pereira Trindade, Teodoro Boutinelly, Celso Mello, Francisco Batista, João Bosco Araújo, Fernando Collyer, Humberto Paiva e Camilo Souza. Ademais, um dos integrantes, o poeta Jorge Tufic, em *Roteiro da Literatura Amazonense*, de 1983, afirmou que semanas após a noite de fundação do grupo, em 22 de novembro de 1954, ele se tornou movimento cultural e literário, gerando na cidade “uma atmosfera de pesquisa e criatividade, sem precedentes na história de uma sociedade comum” (TUFIC, 1983, p. 99).

O historiador Arcângelo da Silva Ferreira, em “Na vaga claridade do luar”. *História e Literatura do Movimento Madrugada na Cidade de Manaus (1954-1967)*, de 2020, explica-nos que no período de 1954 a 1967, Manaus era uma cidade provinciana onde havia poucos carros e a presença da televisão ainda não era presente na residência de muitas famílias. As camadas populares viviam em áreas distantes da zona comercial, em regiões recém-abertas da floresta amazônica, em um movimento de invasão. Esse aspecto do crescimento da cidade é conhecido na historiografia e na geografia urbana como o início da perifização de Manaus. Enfim, a comunicação com o mundo era via rádio ou pela imprensa jornalística.

Diante desse cenário, quando interpretamos o contexto de produção da literatura do Clube da Madrugada, na perspectiva da crítica literária, sobretudo em Márcio Souza, visualizamos que havia na cidade de Manaus “um contingente humano vindo do interior que expandiu-se em favelas que receberam o bucólico nome de bairros” (SOUZA, 2010, p. 173). No período da década de 1950 surgiu uma geração de escritores que estavam localizados em uma cidade que não tinha livrarias e a circulação de jornais era restrita, como causa, o movimento do Clube da Madrugada editava e publicava livros.

Em outras palavras, diante desse cenário, Souza (2010) revela que “o Clube da Madrugada, encontrando terreno mais fértil, desenvolveu-se com a diretriz de se impor a uma cidade entorpecida que logo seria agitada pelo integracionismo da Zona

Franca” (SOUZA, 2010, p. 173). Dessa forma, quando o Clube da Madrugada anunciou um projeto de modernidade na expressão cultural, na literatura; do ponto de vista histórico e decolonial, partimos da premissa de que aquele escritor (integrante do Clube) é compreendido em nosso estudo em situação ainda de colonizado, haja vista que ele ainda “encarna todas as ambiguidades, todas as impossibilidades do colonizado, levadas ao último grau” (MEMMI, 2007, p. 149).

Em síntese, ao mesmo tempo que o Clube da Madrugada produziu uma literatura que trouxe a mudança no cenário local e visava refletir uma identidade amazônica livre de definições exóticas, ainda assim estava inserido em uma colonialidade que é sustentada até hoje em uma epistemologia eurocêntrica de compreensão do mundo, haja vista que muito das construções de seus personagens ou textos apenas revelaram situações de vulnerabilidade social, mas não buscavam protagonizar agentes e saberes de grupos historicamente subalternizados, como ribeirinhos, pretos, indígenas; movimento que visualizamos mais presente a partir dos anos 200 na crítica literária de conteúdo, na sociologia, na história, na antropologia.

3 O AJUDANTE DE CAMINHÃO E A METÁFORA DO DELÍRIO

Ao nos concentrarmos na história de “O ajudante de caminhão”, a partir das experiências dramáticas dos personagens Macário e Estevão, em *O palhaço e a rosa* (1963), do clubista Francisco Vasconcelos, encontramos o reflexo do cotidiano de vários brasileiros pretos que exercem o seu trabalho em péssimas condições laborais. Como se inicia na narrativa: “Negro Macário, chofer de caminhão da fábrica de bebidas, suspirava pela vida de bordo, correr mundo, aventurar...” (VASCONCELOS, 2010, p. 59). Além da questão financeira que iria melhorar, uma vez se tornando um dos motoristas titulares da empresa, havia a emergência de viver, o delírio de sentir liberdade, visualizamos a exploração nas relações de trabalho.

Quando observamos a metáfora inicial da narrativa: “Negro Macário...suspirava pela vida bordo”, interpretamos a referência textual pela perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson, por compreendermos que ela pode ser um filtro de aspectos da realidade humana. Nesse raciocínio, os críticos norte-americanos afirmam que “definimos nossa realidade em termos de metáforas e então começamos a agir com base nelas” (LAKOFF; JHONSON, 2002, p. 46). Sendo assim, a associação do termo “bordo” à ideia de percepção em se sentir vivo, possibilita-nos entender que Macário tem uma

concepção do que deseja para sua vida, de aventuras proporcionada pelas estradas que iria percorrer, dirigindo o caminhão.

A Teoria da Metáfora Conceptual consiste advém pressupostos cognitivos para a interpretação do fenômeno metafórico em nosso cotidiano. Dessa maneira, quando Lakoff e Johnson sugerem que o metafórico não é apenas um ato linguístico, mas uma leitura da experiência do cotidiano e da imaginação e do simbólico presente no dia a dia. Nessa perspectiva, Estevão, o ajudante de caminhão, não poderia embarcar em uma jornada igual ao de Macário e ser o protagonista de suas próprias aventuras, as condições de vida ao quais ele estava integrado o posicionava como tripulante de sua própria existência, não o comandante, como a passagem a seguir ilustra bem:

Se pudesse, não iria trabalhar. Longe, porém, de pensar em tal coisa. Faltasse, e veria o resultado. Na verdade, precisava estar sempre nas graças do patrão. Um dia, tinha certeza, deixaria de ser ajudante e seria chofer. Haveria de melhorar. Saiu pensando na conta da taberna que, mensalmente, lhe absorvia o ordenado. Quase nada lhe sobrava. Sequer dava para comprar um vestido para a mulher. E o pior de tudo era que, mais uma vez, estava barriguda. Outro filho: o terceiro. Mais uma boca (VASCONCELOS, 2010, p. 61).

A concepção que a metáfora produz revela a dimensão ontológica de Estevão: um indivíduo marginalizado pela sociedade, tanto pelo pouco horizonte de expectativas que possuía acerca da própria vida, como pelas condições ordinárias em que se estabelecia com a família. Os apontamentos de Lakoff e Johnson (2002) permitem a interpretação de que a presença metafórica ao longo do cotidiano de Estevão funciona, na narrativa, como um reflexo do discurso dele como maneira de entendimento da realidade onde está inserido, organizado metaforicamente, como veremos mais à frente.

Essa dimensão ontológica é cognitiva, como tal, está integrada a um padrão epistemológico que orienta Estevão a saber quem ele é na sociedade e a visualizar as limitações e fronteiras circundantes, ou seja, a violência que ele sente das experiências marginais do cotidiano é efeito da colonialidade. Isto é, “um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder...” (QUIJANO, 2009, p.73).

Na história de Francisco Vasconcelos, observamos esse padrão de poder ainda no início da narrativa quando o narrador revela ao leitor que, fizesse chuva ou sol, o lugar de Estevão era em cima do caminhão, do lado de trás, com as garrafas e caixas. Além disso, a colonialidade é também uma estrutura de dominação/exploração

“onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade” (QUIJANO, 2009, p. 73).

Entender essa estruturação, requer atenção de nossa parte. Nesse sentido, os apontamentos do decolonialista Aníbal Quijano nos explicam as classificações sociais na América Latina e o papel central da colonialidade do poder em sua dinâmica. Conforme o autor:

Na história conhecida anterior ao capitalismo mundial pode-se verificar que nas relações de poder, certos atributos da espécie tiveram um papel central na classificação social das pessoas: sexo, idade e força de trabalho são sem dúvida os mais antigos. Da América, acrescentou-se o fenótipo. O sexo e a idade são atributos biológicos diferenciais, ainda que o seu lugar nas relações de exploração/dominação/conflito esteja associado à elaboração desses atributos como categorias sociais. Por outro lado, a força de trabalho e o fenótipo não são atributos biológicos diferenciais (QUIJANO, 2009, p.105-106).

Na história de Vasconcelos (2010) encontramos o exemplo desse conceito em uma cena em que o patrão de Estevão e Macário reproduz o que Quijano (2009) esclareceu. Isto é, os personagens mencionados não possuem o discernimento crítico para visualizar que as condições péssimas de trabalho e salário fundamentam aventuras amorosas do chefe, ou seja, ele podia melhorar a qualidade do cotidiano dos empregados, porque a fábrica de cerveja estava prosperando (como é declarado na narrativa).

[...] Estevão não tem consciência de que o dinheiro que a loira vai levar deveria ser, pelo menos em parte, dele e de seus companheiros. E porque o patrão está perto, esforça-se por mostrar que é bom empregado. Que é ativo. Que, mesmo doente, com dor nas costas, trabalha. Mas, o patrão não o vê. Nem sabe se ele existe. E Estevão trabalha, também, para a loira que, à noite, se encontrará com ele (VASCONCELOS, 2010, p. 61).

Por essa perspectiva, Aníbal Quijano (2009) esclarece que as experiências da colonialidade configuraram, ao longo da história, as necessidades do capitalismo. Uma delas conseguimos perceber no texto de Francisco Vasconcelos pela exploração nas relações de trabalho, já evidenciadas nos trechos citados. Com efeito, constituiu-se “um novo universo de relações intersubjetivas de dominação sob hegemonia eurocentrada. Esse específico é o que será depois denominado como a *modernidade*” (QUIJANO, 2009, p. 74).

Essa compreensão de modernidade da qual Quijano (2009) se refere é bem esclarecida nos apontamentos do decolonialista Enrique Dussel: a “Europa, modernidade e eurocentrismo”, texto de 2005. Dussel explica que a tal concepção surge como um movimento de emancipação cuja saída de uma imaturidade se daria “por um esforço da razão como processo crítico, que proporciona à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano. Este processo ocorreria na Europa, essencialmente no século XVIII” (DUSSEL, 2005, p. 28).

Essa modernidade não contemplaria a perspectiva latino-americana. Ciente disso, Enrique Dussel propõe uma revisita ao conceito e afirma que ele é eurocêntrico, provinciano e regional. Com efeito, ele traz “uma segunda visão da “Modernidade”, num sentido mundial, e consistiria em definir como determinação fundamental do mundo moderno o fato de ser (seus Estados, exércitos, economia, filosofia etc.) “centro” da História Mundial (DUSSEL, 2005, p. 28). Ao interpretarmos essas considerações de Aníbal Quijano, Walter Mignolo e Enrique Dussel, compreendemos que, no pensamento decolonial, literatura, língua e cultura devem protagonizar uma fala plural, não universal como se tem observado nas produções, literárias ou culturais, muita das vezes, ao longo da história.

Nessa perspectiva, Mignolo (2020), em diálogo com Quijano e Dussel, orienta a entendermos que o sistema mundo moderno/colonial não só como estrutura sócio-histórica que coincide com a expansão do capitalismo, como também a colonialidade e a diferença colonial como *lócus* de enunciação das violências e experiências dramáticas de tal sistema.

Diante dessas observações, entendemos a presença das violências e experiências dramáticas ao sabermos – pela leitura da narrativa de ficção - que Estevão adoeceu, em virtude de estar sempre do lado de fora do caminhão (fizesse chuva ou sol), e a situação apenas ia se agravando, ou seja, a doença do peito.

Em nosso exercício de interpretação, fazendo uso da premissa da Metáfora conceptual, visualizamos que os delírios são metaforizados da seguinte maneira:

O caminhão corria veloz. O dia era desses escuros, com nuvens que ameaçam chuva. Um vento frio soprava forte e crescia com a velocidade do carro. Estêvão sentou-se sobre uma caixa e procurou abrigar-se por trás da capota. **Seu pensamento passeava toda a infância,** na tentativa de revivê-la. A turma jogando bola. Carlos também está, e nem parece aquele que, agora, anda cheio de pose, só porque é bem empregado

Uma tossida forte e já não está mais no campo de pelada. Passeia com Mariazinha na praça da Igreja. Mariazinha é bonita e é sua primeira namorada. Quando crescerem, e quando ele ganhar muito dinheiro, irão casar-se. Mas, de repente, uma lágrima nos olhos de Mariazinha. E ele, puxando o lenço do bolso, acena-lhe um adeus. Não é o último

adeus. Não!... Um dia voltará para casar com ela. Ninguém, além de Mariazinha, chora na sua partida. Só ele. Ele também chora. É horrível deixá-la... (VASCONCELOS, 2010, p. 62 Grifo nosso).

Realizando uma leitura atenta do trecho, em “O caminhão corria veloz”, observamos o símbolo da vida de aventuras que Macário desfrutava, o patrão e os seus relacionamentos com mulheres, como a loira que levava boa parte do lucro da fábrica de cerveja, e ambição de Estevão.

No delírio dessa projeção de futuro para sua vida, Estevão, em: “Uma tossida forte e já não está mais no campo de pelada”, revela que o devaneio do ajudante de caminhão é intensificado conforme a velocidade do automóvel, cortando o tempo escuro e ameaçador de chuva, uma metáfora que realiza a representação da vida do personagem. Ademais, percebemos ainda que o estado delirante é agravado consoante a expressão da doença que havia contraído, cada tosse era o compasso de uma etapa da vida em que sonha ou idealizava uma projeção de bom futuro, sem sucesso de conquista. No fim, há a solidão, o choro e a promessa.

Essa cena construída por Francisco Vasconcelos expressa o sentimento de muitos brasileiros que idealizam seu horizonte de expectativas, mas como estão inseridos em um padrão epistêmico que o mantém uma relação de exploração/dominação, conforme acusa Aníbal Quijano e Walter Mignolo, não conseguem fugir desse sistema, entendemos nesse aspecto a violência da colonialidade.

Na premissa da Teoria da Metáfora Conceptual, observamos alguns domínios de natureza cognitiva, isto é, nos dois trechos destacados, os termos “caminhão” e “tossida” realizam uma estruturação de imagens mentais (cognitivas) em que podemos interpretar as concepções de vida de Estevão. Essa estrutura revela delírios, demarcados pela ilusão, sonhos, nostalgia, e não um projeto de vida, apenas uma vaga perspectiva, tanto que não há na narrativa, em relação ao personagem, uma menção a como a sua existência social e material poderia melhorar, caso se tornasse motorista.

Quando fazemos esse exercício de interpretação do metafórico, é preciso estarmos cientes de que a expressão metafórica veicula uma organização do pensamento. Se considerarmos que o contexto de produção de Francisco Vasconcelos era o da década de 1950-60, época em que houve no Amazonas um novo momento de delírio da parte de uma população pobre, do interior ou da capital, ou de uma elite falida ou em decadência; essa última porque não desfrutava mais dos lucros e prosperidade oriundos da economia da borracha (1877-1930), compreendemos como o clubista constrói uma narrativa de cunho social para

denunciar novas relações de exploração de trabalho, sobretudo em pessoas com pouco acesso à informação. No caso da narrativa, pretas e ribeirinhos, como Estevão e Macário.

Em suma, entendemos pela Teoria da Metáfora Conceptual que a natureza da expressão metafórica também recria novos significados de diversos e diferentes contextos que estão interligados. Conforme Lakoff e Johnson (2002) corroboram essa afirmativa: “fazemos inferências, fixamos objetos, estabelecemos compromissos e executamos planos, tudo na base da estruturação consciente ou inconsciente de nossa experiência por meio de metáforas” (LAKOFF; JHONSON, 2002, p. 260).

Nesse sentido, ao observamos as mudanças sociais e históricas no Amazonas, no período da década de 1950 a 70, com a implementação de um parque industrial, percebemos a violência da mobilidade de parte da população local para áreas distantes e periféricas de Manaus.

Em outros termos, interpretamos a partir dos apontamentos de Mignolo (2020) que a necessidade de reavaliações acerca da literatura, língua e cultura esclarece que os processos de leituras dos textos e dos movimentos estão para além desses estatutos, mas interconectados a uma interdisciplinaridade que possibilita a compreensão do espaço de expressão daquele que fala. Assim, na lógica de expressão das experiências da subalternidade, língua, literatura e cultura em sua articulação produzem e disseminam saberes e isto implica em um reordenamento epistemológico, ou seja, é preciso um “linguajamento”, termo utilizado por Mignolo para explicar que expressão do literário, da língua e da cultura.

Diante desse cenário, Achile Mbembe, em *Sair da Grande noite: ensaio sobre a África Descolonizada* (2019), orienta-nos a entender um novo horizonte de interpretações a partir do que ele chama de “declosão do mundo e escalada da humanidade” (MBEMBE, 2019, p. 57), isto é, esse processo indica a necessidade de um projeto de reconstituição do sujeito a partir do trabalho da estética, da epistemologia, da linguagem, em que o conhecimento de si mesmo significa a libertação dos esquemas mentais, discursos e representações que o Ocidente criou.

Ao que se refere a escrita de Francisco Vasconcelos, apreendemos que ele protagoniza no cotidiano de Manaus, pessoas ou grupos que viveram no início da segunda metade do século XX o delírio e a ilusão da prosperidade do plano de desenvolvimento social e econômico para a Amazônia brasileira, como também revela em tom de denúncia a política dos governos militares na época da Ditadura Militar na violência do descaso das assistências do poder público aos populares.

Diante desse cenário de devaneios, tivemos pessoas como Estevão e Macário, ribeirinhos ou pretos que ou saíram do interior e se deslocaram para Manaus, ou eram invisíveis nas suas relações de sociabilidade, fruto de um padrão de comportamento histórico que se estendia desde o período da escravidão.

Quando aprofundamos essa leitura crítica, interpretamos a presença da colonialidade nesse cotidiano ao lembrarmos dos apontamentos de Aníbal Quijano. Isto é diante da imposição de uma classificação mundial pela raça/etnia, novas configurações de identidades sociais se estabeleceram, frutos dela. Assim, visualizamos referências às identidades como, por exemplo: índios, negros, azeitonados, amarelos, brancos, mestiços; todos integrados ao que Quijano (2009, p. 74) vai chamar de ‘geocultura do colonialismo’.

Com efeito, Estevão e Macário fazem parte de uma dada naturalidade que Quijano (2009) explica como uma perspectiva cognitiva oriundo de um mundo eurocentrado do capitalismo colonial/ moderno “que naturaliza a experiência dos indivíduos neste padrão de poder. Ou seja, fá-las entender como naturais, conseqüentemente como dadas, não susceptíveis de ser questionadas” (QUIJANO, 2009, p. 74). O trecho a seguir da narrativa “O ajudante de caminhão” ilustra essa observação, na cena em que Estevão chega doente na sua casa, deita-se e fica pensativo na sua situação e no seu futuro:

Deitou-se e ficou pensando. E se caísse de verdade? Na certa que morreria de fome. Se, trabalhando, nada sobrava, que não seria no fundo da rede? Lembrou-se de Eptácio, um colega de trabalho. O desgraçado já estava ficando velho na fábrica. Que empregadão! Valia ouro, o Eptácio. Mas um dia adoeceu e, sem demora, Instituto com ele. Dois terços do ordenado. Ninharia. Não chegava nem para os remédios (VASCONCELOS, 2010, p. 60).

A partir dessas observações, percebemos que o conto apresenta uma boa diversidade de personagens para expressar a denúncia que o clubista Francisco Vasconcelos desejou. Nesse intuito, o texto produz efeitos de sentidos que delimitam a dispersão da situação de cada personagem. Nesse movimento, há uma unidade porque correm em paralelos o desenvolvimento da intriga e da jornada de cada um dos indivíduos mencionados, no caso, Macário e Estevão. Além disso, interpretamos que a imaginação evita também se perder, para estar presa a realidade histórica e social que a ficionaliza.

Massaud Moisés, em *A criação literária: poesia e prosa*, de 2012, ainda faz-nos visualizar (quando discute sobre questões teóricas de um conto literário), à medida que avançamos na leitura, que: “A técnica de estruturação do conto assemelha-se à técnica fotográfica: o fotógrafo concentra sua atenção num ponto e não na

totalidade dos pontos que pretende abranger no visor; focaliza um detalhe, o principal, no seu entender...” (MOISÉS, 2012, p. 279). Essa percepção é visível no trecho a seguir, em que Estevão trabalha mesmo doente, com uma constante tosse, cuspidando sangue, até que passa mal e cai no chão.

O carro novo chegaria em breve e ele seria seu chofer. Por isso chega à fábrica antes da hora. As caixas de bebidas estão separadas e prontas para serem levadas ao carro. Estevão leva a primeira e a segunda. Na terceira, um gosto de sangue lhe sobe à boca. Tem vontade de tossir e uma golfada vermelha espirra longe. Ele, porém, não para. Tenta reagir e quer correr com a caixa sobre os ombros. O sangue, mais forte, sufoca-o. Estevão não resiste e cai na calçada, molhando por um suor frio. Quando o patrão chegou e lhe contaram o ocorrido, falou em Instituto e mandou que jogassem creolina na calçada... (VASCONCELOS, 2010, p. 63).

Apreendemos ainda que a presença da colonialidade no texto de Vasconcelos (2010), metaforizado pelos delírios de Estevão, faz-se presente em um padrão que é historicamente fundamentado por classificações sociais, em que o poder é o espaço que dinamiza uma malha de relações sociais de exploração/dominação, e influencia a existência de quem é subalternizado tanto no trabalho, quanto nos seus produtos, como também nos seus recursos de produção.

4 Conclusão

O Clube da Madrugada surgiu no início da década de 1950 em Manaus como um movimento literário que visou declarar novos princípios, ou realizar uma ruptura com um padrão conservador e ideológico que reproduzia ainda um ordenamento social fundamentado hierarquizações culturais e sociais rígidas e, tradicionalmente, produzidas – até aquele momento – no Amazonas. Nesse sentido, tratou de estimular debates a respeito da literatura, da sociologia, da economia, filosofia e outras ciências humanas.

Em suma, conforme afirmou Jorge Tufic: “A essência do Clube da Madrugada reside precisamente na identificação de um processo anacrônico em todos os setores da vida cultural amazonense, característico de uma sociedade em declínio, alienada de suas próprias raízes” (TUFIC, 1983, p. 112). Assim, ao lermos a narrativa “O ajudante de Caminhão”, de Francisco Vasconcelos, compreendemos que, em uma perspectiva do capitalismo mundial, a raça, o gênero, o trabalho se apresentam como

as três instâncias centrais que ordenam as relações de exploração/dominação/conflito, presentes na narrativa de Vasconcelos. Logo, temos no texto a exploração na situação em que Estevão, para se tornar motorista de caminhão, trabalha muito doente, é invisível para o patrão e recebe muito pouco pelo seu trabalho.

Quanto à dominação, ele representa como papel social os trabalhadores que historicamente são posicionados com subalternos, ainda mais se ribeirinhos ou pretos, caso das identidades sociais, trazidas à narrativa de Francisco Vasconcelos. Por fim, o conflito se manifesta quando o delírio da ilusão e o devaneio da frustração nos revela a solidão, os desejos não realizados e o temor de um futuro decadente

Referências

- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: DUSSEL, Enrique. **A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.
- FERREIRA, Arcângelo da Silva. **“Na vaga claridade do luar”.** *História e Literatura do Movimento Madrugada na Cidade de Manaus (1954-1967).* Curitiba: Appris, 2020.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana.** São Paulo: Mercado das Letras, 2002. Trad. Maria Sophia Zanatto.
- MBEMBE, Achile. **Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada.** Petrópolis: Vozes, 2019.
- MEMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia e prosa.** 4ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.
- MIGNOLO, Walter. Uma outra língua – mapas da linguística, geografias literárias, paisagens culturais. In: MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/ Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamentos liminar.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020, p. 289-330
- MIGNOLO, Walter. A geopolítica do conhecimento e a diferença colonial. **Revista Lusófona de Educação.** V, 48. N, 48, 2020. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/7324>

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SOUZA, Márcio. Do imperialismo ao neocolonialismo. In: SOUZA, Márcio. **Expressão Amazonense**. 3ª ed. Manaus: Valer, 2010, p. 157-182

TELLES, Tenório. **Clube da Madrugada**: presença modernista no Amazonas. Manaus: Editora Valer, 2014.

TELLES, Tenório; GRAÇA, Antônio Paulo. **Estudos de Literatura do Amazonas**. Manaus: Valer, 2021.

TUFIC, Jorge. **Roteiro da Literatura Amazonense**. Manaus: Casa Editora Madrugada, 1983.
VASCONCELOS, Francisco. *O palhaço e a rosa*. 4ª ed. Manaus: Editora Valer, 2010, p. 59-66



THE FEVER METAPHOR IN “MACÁRIO” AND “ESTEVÃO”, FROM “O AJUDANTE DE CAMINHÃO”, BY FRANCISCO VASCONCELOS

ABSTRACT:

This study aims to carry out a literary criticism of the content of the writer Francisco Vasconcelos, through the characters Macário and Estevão, present in the short story “O Ajudante de Caminhão”, from the book *O Palhaço e a Rosa* (1963). The arguments start from decolonial thinking, from observations on the coloniality of power and converge in studies on conceptual metaphor, taking as a presupposition the notes of Aníbal Quijano (2005), Walter D. Mignolo (2000), Massaud Moisés (2012), Lakoff and Johnson (2002). It presents as a method of interpretation the studies on metaphor.

KEYWORDS:

Literature;
Francisco Vasconcelos;
Macário;
Dawn Club;
Coloniality.